

Grêmios em Forma: o fomento à participação dos jovens na escola como estratégia de prevenção da violência

(Artigo publicado no livro *Violência & Juventude*, editora Hucitec, 2010)

Este texto pretende apresentar a experiência do projeto Grêmios em Forma, uma metodologia de formação de grêmios estudantis desenvolvida e implementada pelo Instituto Sou da Paz com alunos do ensino médio em escolas públicas da cidade de São Paulo. Antes de tratar especificamente desse projeto, é importante apontar alguns dados relacionados à violência e à juventude que justificaram a escolha por este tipo de intervenção e os princípios que estão por trás dessa estratégia.

Como se sabe, a violência não afeta de maneira uniforme regiões, grupos etários, classes sociais ou gênero. Enquanto alguns distritos da cidade de São Paulo apresentam taxas anuais de homicídio de menos de 2 por 100 mil habitantes, outros concentram taxas acima de 40 por 100 mil, chegando, em alguns casos a apresentar taxas de mais de 60 por 100 mil habitantes. A maioria das vítimas da violência letal é do sexo masculino e está na faixa entre 15 e 24 anos¹. Este é o mesmo grupo que concentra a maioria dos autores de homicídios. Por si só, estes dados não explicam a difícil equação que resulta na violência, mas trazem evidências que norteiam e justificam uma ação focada em determinados públicos e espaços.

Ao se analisar as condições sociais das áreas onde a violência se manifesta com mais frequência, percebe-se alguns pontos em comum: a alta densidade populacional e alta proporção de jovens no total da população, a presença insuficiente do poder público e os altos índices de vulnerabilidade e exclusão, como o número de casos de gravidez na adolescência e a alta taxa de desemprego. Muitas vezes, os serviços públicos de educação e saúde estão degradados e contam com profissionais pouco estimulados e preparados para lidar com os desafios inerentes às condições sociais do entorno. Ao mesmo tempo, as escolas, os postos de saúde e a polícia chegam a ser em muitos locais da periferia os únicos equipamentos públicos presentes.

A falta de espaços públicos de lazer, esporte e cultura, como praças, parques, teatros ou cinemas, associada à presença maciça de estabelecimentos de venda de bebidas alcoólicas e à

¹ Segundo dados do Infocrim da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo.



Instituto **Sou da Paz**

A paz na prática

falta de iluminação e manutenção de ruas e áreas públicas, favorece a ocorrência de alguns tipos de crime, afasta a população das ruas e contribui para um sentimento de abandono e degradação que colabora com o caos urbano das regiões periféricas e com o sentimento de insegurança da comunidade. Neste contexto, encontram-se também inúmeras armas de fogo circulando sem um controle efetivo.

Inserida neste contexto, a violência letal se manifesta como fruto de inúmeros conflitos banais, estimulados por uma cultura da violência que valoriza o individualismo e “exige” uma resposta imediata e violenta diante de qualquer desavença. Assim, brigas de bar, discussões por causa de disputas no futebol ou pequenas dívidas e outras questões não criminais acabam sendo a causa de cerca de metade dos homicídios. Mesmo quando não resultam em mortes, estes conflitos e a maneira como são resolvidos perpetuam uma cultura de desvalorização do diálogo, da negociação e do associativismo e em última análise, da vida.

Diante deste diagnóstico, é possível traçar quais os caminhos e medidas que o poder público e as organizações sociais podem adotar para contribuir com a diminuição e a prevenção da violência nestes locais. Essas ações podem englobar desde medidas bastante concretas, de urbanização e revitalização de espaços públicos, até ações que atuem em um nível mais simbólico, ampliando o repertório das comunidades e interferindo na cultura de banalização da violência.

Nesse sentido, o Instituto Sou da Paz tem desenvolvido, desde 2001, diversos projetos de intervenção com foco na prevenção da violência juvenil em comunidades de São Paulo. Estes projetos pretendem promover a participação democrática dos jovens nos processos de ocupação e transformação de espaços públicos (praças ou escolas), apostando na negociação e na valorização da diversidade como estratégias que contribuem para mudar este quadro.

O espaço escolar é sem dúvida um lugar estratégico para se trabalhar na perspectiva da prevenção da violência, já que pode ser o placo de experiências da prática cidadã, em um processo disparado por meio do incentivo ao associativismo juvenil na forma de grêmios estudantis. As unidades escolares concentram a quase totalidade dos jovens da cidade² e são, como já foi dito, um dos únicos equipamentos públicos encontrados nas regiões periféricas,

² Segundo o Censo Escolar de 2004, feito pelo Ministério da Educação, na cidade de São Paulo, 85,5% dos jovens de 15 a 24 anos cursaram ou estão cursando o Ensino Médio.

tornando-se um espaço estratégico para a formação de lideranças e a construção de formas pacíficas de relação social e de promoção dos direitos de cidadania.

Em linhas gerais, o projeto Grêmios em Forma visa atuar, ao mesmo tempo, na diminuição da violência escolar e na prevenção da violência letal. A experiência de formação de grêmios estudantis em escolas públicas tem se mostrado uma ferramenta eficaz tanto no sentido de criar canais para a resolução pacífica de conflitos dentro do ambiente escolar, como também para estimular os jovens a construir seus projetos de vida, pautados por outros valores, expectativas e formas de participação na comunidade.

O Projeto Grêmios em Forma

A criação do Projeto Grêmios em Forma se deu em 1999, quando o Ministério da Justiça levantou experiências bem sucedidas na redução da violência no ambiente escolar e constatou que a participação dos alunos na gestão das escolas é fundamental para a construção de relações não-violentas nestas unidades. Segundo os dados levantados, os estudantes organizados, principalmente em grêmios, aprendem a reconhecer os conflitos existentes na escola e a resolvê-los de forma democrática e pacífica, contrariando a lógica dominante de valorização do uso da força para resolver conflitos e acessar direitos.

Tendo em vista este diagnóstico, a então Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, no âmbito do Programa Nacional Paz nas Escolas, procurou o Instituto Sou da Paz para, em parceria, desenvolver um projeto que estimulasse a participação dos jovens na elaboração, organização e execução de propostas de intervenção na escola e na comunidade.

Foi elaborado então o Projeto Grêmios em Forma, com o intuito de criar e fortalecer os grêmios estudantis como canais privilegiados de participação dos estudantes no ambiente escolar. A equipe do projeto desenvolveu uma metodologia de estímulo à formação de grêmios que seria aplicada por meio de oficinas com grupos de alunos de escolas estaduais, utilizando o Caderno Grêmios em Forma - também produzido pela equipe - como material de apoio e orientação sobre o processo formal de criação do grêmios e eleição da gestão.

Inicialmente, a metodologia foi implementada em 03 escolas do Jardim Ângela, escolhidas junto com a Diretoria de Ensino e a Polícia Militar por seus altos índices de violência. Nos anos seguintes, a equipe do projeto atuou também em escolas estaduais dos distritos do Capão

Redondo, Jardim São Luiz e Campo Limpo, chegando a formar cerca de 30 grêmios estudantis na zona sul de São Paulo.

A idéia de trabalhar com formação de grêmios em escolas públicas tinha como objetivo exclusivo a prevenção e o combate dos três tipos de violência verificados no ambiente escolar: as violências simbólica, física e moral. Pelos resultados da implementação do projeto nas escolas, percebeu-se que o impacto da intervenção ultrapassou os muros da escola, pois permitiu aos jovens a visualização de alternativas para a resolução pacífica dos conflitos inerentes à adolescência e à juventude e ampliou o repertório destes alunos, favorecendo a construção de projetos de vida pautados pelos valores da participação e do associativismo. Assim, diversos alunos que passaram pelas oficinas de formação de grêmios e participaram da gestão de grêmios nas escolas, conseguiram entrar em cursos superiores, onde continuaram com uma atuação junto ao movimento estudantil e buscando melhorias tanto no ambiente de ensino quanto na comunidade.

Um espaço para a voz dos alunos

Sabemos que a escola, como está configurada atualmente, apresenta diversos desafios e sem dúvida um deles é a falta de espaços de participação e articulação para que alunos, professores e diretores possam dialogar, negociar e construir juntos uma escola mais democrática e que atenda às expectativas de todos. O grêmio, legalmente reconhecido para representar os alunos, pode ser este espaço de participação e diálogo, configurando-se como instrumento para expressar as reivindicações e materializar os desejos dos alunos. É exercitando a articulação nas relações com professores, diretores e funcionários da escola que os gremistas iniciam o seu papel político, transformando queixas generalizadas e caóticas dos estudantes em problemas e, posteriormente, em propostas de ação coletiva.

A experiência democrática vivenciada no processo de formação e consolidação dos grêmios é também um importante processo de formação política, afinal os alunos vivenciam no período de eleição a construção de uma chapa, o desenho coletivo dos planos de campanha pautados nos anseios deles próprios e dos demais estudantes, participam do pleito eleitoral e, posteriormente, gerenciam o grêmio ou, caso não sejam eleitos, colaboram com os gremistas cobrando-os ou construindo com eles a gestão da associação estudantil.



Instituto **SoudaPaz**
A paz na prática

As vantagens de uma experiência democrática representativa na escola são muitas. Em primeiro lugar porque os jovens no momento em que começam a consolidar sua identidade como cidadãos, iniciam sua vida pública como sujeitos de um processo coletivo de escolha e tomada de decisão, sendo que, em alguns casos, ainda têm a função de gerir uma associação representativa. Em segundo lugar, a participação no grêmio estudantil é um intenso processo pedagógico de negociação, questionamento e empreendedorismo, elementos centrais no amadurecimento individual e profissional dos jovens.

Como o grêmio é uma instituição representativa e democrática dentro da escola, sua atuação tende a tornar a unidade escolar um espaço público difusor de cidadania. Isso ocorre porque a ação cidadã por definição é preeminente e a partir do momento em que é disparada, logo a necessidade de empreender uma outra a sucede, definindo um caminho de crescente ativismo de onde emergem divergências, discussões e outros tipos de conflitos que são operacionalizados de forma democrática e negociada, sendo resolvidos, portanto, de forma pacífica .

Como uma ação cidadã gera outra, quando os jovens optam pela participação nos grêmios, iniciam suas atividades reivindicando melhorias no espaço físico da escola, mas com o decorrer do tempo, passam a discutir temas mais abrangentes como a melhoria da qualidade das aulas, o projeto político pedagógico da escola e programas de cultura e lazer voltados aos alunos. A experiência do Projeto Grêmio em Forma mostrou que os gremistas tendem a ocupar as instituições de gestão da escola (Conselho Escolar e Associação de Pais e Mestres), debatendo e influenciando nas decisões destas instâncias.

Desafios da metodologia

Apesar de todos os pontos positivos levantados anteriormente e que decorrem do processo de formação e gestão dos grêmios nas escolas, vale dizer que muitas vezes a atuação dos grêmios tem limites. Essa limitação advém em grande parte do fato de que a escola não é mais reconhecida como uma instituição pública de qualidade, detentora de sentido para os jovens. Em crise, ela perdeu seu papel de colaborar na construção do projeto de vida dos jovens. Soma-se a isso o autoritarismo no modo de gerir a unidade escolar por parte de alguns diretores e professores, que inibe a participação dos alunos e a construção de um sentido de pertencimento da unidade escolar como espaço comunitário e público.

Um outro fator limitante da atuação dos grêmios é a falta de exemplos positivos de ação política na sociedade como um todo. Isso implica tanto numa dificuldade dos gremistas em encontrar referências que possam pautar sua atuação, quanto em um descrédito, por parte dos outros alunos, em relação à instituição grêmio. O reflexo disso é o alto número de votos em branco nas eleições, registrado em algumas escolas, e a falta de apoio dos alunos aos gremistas eleitos. Alguns deles se queixam de uma cobrança enorme de seus colegas que não percebem que o fato de o grêmio representar os interesses dos alunos não significa que os outros estudantes não devam participar da construção de uma escola mais democrática³.

Apesar de ser consenso entre alunos, professores e diretores que o grêmio deve representar os interesses dos estudantes, há pouca clareza sobre o papel dos grêmios, os limites e possibilidades de sua atuação. Onde e como o grêmio pode interferir? Quais os direitos dos gremistas e quais as maneiras de acessá-los? Qual o grau de autonomia de um grêmio? Estas são algumas questões que têm sido levantadas e que apontam para a necessidade de se ampliar a metodologia do projeto, abrindo as discussões para todos os atores da escola e os envolvendo no processo de fortalecimento da instituição.

O que se tem percebido é que apesar do objetivo da intervenção ser a prevenção da violência que afeta os jovens, é preciso envolver professores e diretores no processo de formação e gestão dos grêmios. Em 2005, a equipe do projeto Grêmio em Forma realizou uma formação voltada a diretores e professores da rede para que eles atuassem como multiplicadores da metodologia de formação de grêmios. Esta estratégia rendeu frutos interessantes em diversas escolas onde os professores e até mesmo alguns diretores assumiram um papel de mobilizar os alunos e apoiá-los na construção de chapas, planejamento e implementação dos projetos dos grêmios. Sem dúvida, esta metodologia deverá ser ampliada e incentivar a participação de outros atores escolares, contribuindo para romper barreiras e a falta de diálogo, ampliando o impacto na cultura da participação democrática na escola e contribuindo para a sustentabilidade dos grêmios.

³ Estas situações foram relatadas em grupos de escuta com gremistas, professores e diretores de escolas onde o projeto Grêmio em Forma foi implementado. As escutas fizeram parte do diagnóstico da situação dos grêmios formados pelo Projeto Grêmio em Forma, realizado pelo Instituto Sou da Paz no primeiro semestre de 2007 com o apoio do Santander e em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.



Referências bibliográficas

CARA, Daniel. O papel dos grêmios estudantis na redução da violência. Trabalho apresentado no Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas, realizado em Brasília entre 28 e 30 de abril de 2004.

INSTITUTO SOU DA PAZ. Caderno Grêmio em Forma (2ª edição). São Paulo, ISDP, 2004. (www.soudapaz.org)

INSTITUTO SOU DA PAZ. Guia Grêmio em Forma – Material para formação de grêmios estudantis. São Paulo, ISDP, 2005. (www.soudapaz.org)

INSTITUTO SOU DA PAZ. Diagnóstico dos grêmios formados pelo projeto Grêmio em Forma. São Paulo, ISDP, 2007.